

# ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa  
Edição *ne varietur*

BOA TARDE ÀS COISAS  
AQUI EM BAIXO



DOM QUIXOTE



**romance em três livros  
com prólogo & epílogo**



Ao Júlio Pomar  
Porque gosto de lhe dar coisas



Larbaud conservó enteras su lucidez y su memoria, pero cayó en una confusión total del lenguaje, carente de organización sintáctica, reducida a sustantivos o a infinitivos aislados, reducido a un mutismo inquietante que un día, de pronto, ante ta sorpresa de los amigos que habían ido a visitarle, rompió con esta frase:

— Bonsoir les chosen d'ici bas.

Buenas tardes a Las cosas de aquí abajo? Una frase intraducible.

ENRIQUE VILA-MATAS, *Bartleby Compañía*.



Há lágrimas na natureza das coisas e a certeza do efêmero toca-nos o coração.

VERGILIO



## **Prólogo**



Não sei se ela disse

— Esta era a casa

ou

(se calhar)

— Há vinte anos nós

ou

(pode ser, não estou certo)

— Morei aqui

ou então não disse nada, limitou-se a subir da Muxima ao meu lado, talvez um pouco à minha frente

(um pouco à minha frente)

fosse com uma varinha, fosse com um pedaço de cana na mão, quase sem olhar para mim

(disso lembro-me)

como se passeássemos ainda que qualquer coisa nos seus gestos, na sua cara

(uma inquietação, uma expectativa, uma zanga)

afiançasse que não passeávamos nem meia através dos quarteirões que a guerra destruíra

(e o mar à nossa esquerda, o mar lá em baixo sempre à nossa esquerda)

ela portanto à minha frente, devagar primeiro, atenta às cicatrizes dos canhões sem recuo nas esquinas, ao abandono dos quintais, à piscina vazia em que os dentes de um soldado morto continuavam a crescer, ela devagar primeiro, quase a correr depois, esquecida de mim, largando a varinha ou o pedaço de cana, a correr não como correm as brancas, como correm as pretas no meio das quais a criaram

(vide relatório anexo)

apesar da importância e da fortuna do tio, e ela menina, ela branca, a comer funge de sanzala e a assar grilos num espeto, ela agora

mulher no alto da colina

o mar à nossa esquerda, as traineiras, a ilha, tudo simétrico, alinhado, quieto, ela à minha espera diante do que devia ter sido um muro e para além do muro o que devia ter sido uma estufa de orquídeas, fragmentos de canteiros, escadas de mármore

(metade de uma escada de mármore)

invadidos pela erva, afogados na erva, um dos pássaros gordos da marginal, com um rato no bico, fugiu de nós meneando-se até voar a custo, ela a mostrar-me a fachada

— Esta era a casa

um destroço de dois ou três andares

(Documento classificado 16 J: três andares)

onde se adivinhava a sucessão das salas e a que faltavam janelas, varandas e portas, as barracas das tais pretas que a devem ter criado ao fundo, não me recordo se disse

— Há vinte anos nós

ou

— Foi aí que o meu tio

ou imagino que disse

— Foi aí que o meu tio

ela parada embora me desse a impressão de continuar a correr num outro tempo assustando as galinhas das pretas, as lavadeiras, as cozinheiras, as que serviam à mesa de avental engomado, aflitas nos sapatos que não estavam habituadas a calçar, ela designando empenas, sobejos de mobília, um lustre que permanecia pegado à sua base de estuque tremendo cada vez que o vento

(o ventinho do fim da tarde no cacimbo)

trazia terra e folhas, ela a sacudir as folhas da blusa, do cabelo, a mirar-me como se atentasse finalmente em mim, como se finalmente eu

(sem importância até então)

principiasse a existir, ela mostrando-me o que não havia da mesma forma que quase não havia Luanda, não havia Angola, não havia África, havia um segundo pássaro gordo a rasgar a farda de um

segundo soldado morto

(refira-se que também dúzias de dentes continuando a crescer, unicamente ao aceitar este trabalho, longe do meu país, percebi que os defuntos )

um segundo soldado morto de bruços contra o dragão de uma estátua de arcanjo que fechava no punho a bainha da lança, havia o mar é claro e a ilha que a tropa do Governo ou os cubanos ou os mercenários franceses e belgas arrasaram, transformando as praias num baldio de miséria em que os cegos das minas se acoravam sobre a franja da água na esperança dos caranguejos que o gasóleo envenenou, enquanto ela, alheada dos cegos, ela a sobrinha do patrão e por conseguinte patroa e dona igualmente

— Esta era a casa

desde a fuga do primo para Joanesburgo ou para a Europa  
(mentia ela)

a última patroa e dona do fantasma de dois ou três andares  
(três andares)

de que parecia orgulhar-se, de que se orgulhava de facto, a

— Esta era a casa

a que deitou fogo ou a que mandou deitar fogo ordenando às pretas, segurando-lhes o braço, gritando-lhes, obrigando-as a obedecer-lhe

— Traz os bidões de gasolina do armazém

rompendo ela mesma, com uma das facas de mato do tio na época em que o tio

(de início um pobre sem poder nem dinheiro)

alcatroava o Dondo, rompendo ela mesma as colchas e as sanefas, estendendo às empregadas o damasco, o veludo, o cetim

— Encharca-me isto

distribuindo-os pelos corredores, os patamares, os terraços, os arcos, o espaço onde outrora

(Documento classificado 16 J, páginas onze e seguinte)

se assavam palancas e burros selvagens inteiros, os armários de vestidos

(e casacos, sapatos, chapéus)

que a tia encomendava de Londres e Roma e o tio lhe permitia encomendar para entreter a solidão e o despeito, a tia na sua cadeira de estilo a perguntar pelo biquinho do lábio, agitada de dúvidas

— Achas-me elegante Marina?

acabando por voltar num desânimo, procurando os óculos, à sua revista de moda, ao seu silêncio, ao seu tricot, não já na cadeira de estilo de almofadas de brocado da Áustria, no banquito de quando, no início da sua prosperidade, morou com o marido no Dondo e não necessitando mais do vencimento de caixeira estudava o rio da cerca ou poisava os anéis novos na mesa de tampo de xadrez antes de lavar a loiça, a tia

— Não me achas elegante Marina?

em busca do rio que desaparecera substituído por elefantes de pau-santo, quadros em molduras doiradas e terrinas chinesas, as mesmas que a sobrinha arremessava contra as paredes da

— Esta era a casa

à medida que as pretas num vagar de gansos, de cigarro ao contrário na boca, entornavam os bidões no piso de cima, nos sofás, na cave, se reuniam junto ao alpendre, fumando sempre, aguardando que ela chegasse um fósforo a um desperdício da garagem, o lanças-se no átrio e ficasse com elas

(à frente delas, consoante à minha frente no alto da colina)

a recuar

(não muito, um ou dois passos)

e uma chama instantânea, branca, vermelha, vermelha e branca, vermelha e negra, negra, galgou das fundações ao tecto, uma chama que diminuía e crescia

respirava

fazendo tombar uns sobre os outros os parquês, as estantes, as aguarelas, as arcas, explodir a pólvora dos revólveres e das carabinas semeados em esconderijos de gavetas, um dos chapéus italianos, desprezado pelo fogo, bailou um momento e consumiu-se no ar

— Não me achas elegan

enquanto as traves amoleciam, os pulmões da labareda se alargavam, os empregados do tio, sem coragem de entrar, se estrelavam no portão e logo que as cinzas principiaram a cristalizar-se ela para o marido de uma das pretas no caso de as pretas terem marido

(não têm, que maridos?)

atravessando com a voz os ruídos da

— Esta era a casa

a indicar o telheiro

— O tractor

não pedindo, nunca pediu, limitou-se a indicar o telheiro

— O tractor

a ligar o mecanismo, a avançar naquelas rodas enormes erguendo a articulação da escavadora que abria e cerrava o ferro das goelas quase esmagando uma criança de muletas visto que todas as crianças

(pelo menos as que teimavam em mover-se, as que não se encontravam, cobertas de moscas ou lagartas ou besoiros, numa cova de morteiro ou fitando a gente, sem lábios, no zinco torcido dos musseques)

visto que todas as crianças usam muletas em Angola, ela pisando rododendros, vasos de cerâmica, trepadeiras, a ladrar

(a ladrar, sim)

— Afastem-se

num timbre que não era o seu, era o horror de um sonho, um pânico antigo que voltava, as rugas da tia a suplicarem sob tantos cremes

— Não me achas elegante Marina?

e ela no desarranjo de feições que antecede o sobressalto da agonia

— Afastem-se

à medida que a

— Esta era a casa

outrora com os seus marfins, os seus cristais, as suas faianças antigas e os seus luxos austríacos se amontoava numa desordem de pranchas e de azulejos rachados, ela tentando alcançar, sombra após

sombra, o escritório no qual uma semana antes o tio à secretária, alongando os dedos tampo fora com cinco balas no peito, uma bala no pescoço e uma derradeira bala no malar, a congelá-lo para sempre numa espécie de ofensa ou de surpresa risonha, ela a destruí-lo como destruiu a

— Esta era a casa

ao torná-lo igualmente erva e capim e ausência de janelas e nada, ela a destruí-lo como destruiu o primo que na segunda-feira passada a chamava e chamava do lado de fora do quarto

— Marina

e continuou a chamá-la até entrar sem bater lacerando a fechadura, também com uma cara que não era a sua, era o horror de um sonho, um pânico antigo que voltava

— O meu pai

descendo ambos, a lutarem com a silhueta das coisas

(um jarrão, um baú, uma mesinha onde vacilavam miniaturas, ninfas peixes pastoras)

ao átrio do escritório e no escritório o tio e o ajudante do tio, isto é o preto que trouxe da missão do Dondo, o órfão a quem ensinou a puxar uma culatra, a comer com talheres, a cumprimentar, que transformou em branco ou quase branco, de gravata como os brancos e morando como os brancos

(cortinas e garfos e tapetes)

na arrecadação do jardim, que o tratava por padrinho e ao qual o padrinho nem necessitava falar, o preto a olhá-los de espingarda no ângulo do braço, explicando sem palavras

— Sabem que tive de matá-lo

a repetir sem palavras

— Sabem que tive de matá-lo sabem que tive de matá-lo

e a seguir não em português, não em língua de cristãos, em kim-bundo, do mesmo modo que não alto, numa espécie de sopro ou de suspiro

— Sabem que tive de matá-lo

à medida que se escutavam as automáticas da polícia na Mutam-

ba, nem frases nem gente, as automáticas da polícia na Mutamba, o ajudante a largar a espingarda, a beijar a mão do tio, a insistir, desta feita em português

— Padrinho

a ir-se embora, sem pressa, no sentido do Palácio do Governo com as suas sentinelas patéticas a defenderem o portão que não havia, a ir-se embora apesar do cheiro de Angola tão forte em novembro, este cheiro que não sei definir e a que não me habituei ainda

(a que não me hei-de habituar nunca)

apesar do primo

— Espera

do primo

— Eu

a pegar na mão do tio

(os dedos tampo fora)

a soltar a mão do tio

e ela para o primo, ela que desprezava o primo, a sua fraqueza, a sua cobardia

— Deixa-o

trancou o escritório, o acesso pelo caramanchão e o acesso pela

— Esta era a casa

acompanhou a tia e o primo ao Grafanil, certificou-se que partiam na coluna militar a caminho de Zenza do Itombe, desejando não os ver mais, não os ter visto na vida, esquecê-los, a declarar para a camioneta, indiferente aos carregadores, aos mercenários, ao tenente mulato a quem pagou e que sumia as notas no estojo do cantil

— Vocês faleceram quando o meu tio faleceu vocês faleceram os dois

odiando no enxofre das nuvens o casaco de gola de pele da tia e a garrafa com que o primo ia engrossando o bolso, um par de refugiados idênticos aos outros refugiados agora, julgando escapar da guerra e entrando nela de facto mal as bazucas alguns quilómetros adiante, mal a metralhadora que ela já não ouviu e provavelmente nem a tia

— Não me achas elegante Marina?

nem o primo ouviram começou a costurar a tarde pregando-os aos troncos, à lama, aos pneus esvaziados e à orla do alcatrão, o tenente mulato, de joelhos, a oferecer as tripas nas mãos e a confundir-se com a terra, a tia e o primo que ela recusou receber quando a convidaram a recebê-los, cada qual na sua caixa

(não urnas, caixas)

na oficina do hospital de Luanda, arrumados sob nódoas de lençol, e ela no Bairro Prenda, no Bairro da Cuca apesar dos ecos das ruas de canalização ao léu, dos gatunos, dos jipes, das patrulhas disparando contra os pedintes e as sombras, guiada de cabana em cabana por um dos cozinheiros

— Menina

sumindo-se e reaparecendo numa desordem de becos, de chapas, de alguidares descascados, de pavios de azeite nascidos dos intervalos das placas deixando adivinhar criaturas oblíquas

— Menina

que aconselhavam

— Menina

que pediam

— Menina

que se assustavam com ela

— Menina

entre os avisos e as ameaças dos jipes, uma rapariga de cócoras num tijolo

(você?

você não, você comigo

— Esta era a casa

— Há vinte anos nós

— Morei aqui

a calcar com a biqueira a metade da escada de mármore)

entre os avisos e as ameaças dos jipes, uma rapariga

(não ela)

a comer um sardão de cócoras num tijolo, e a seguir a um automó-